

# A ILLUSTRAÇÃO

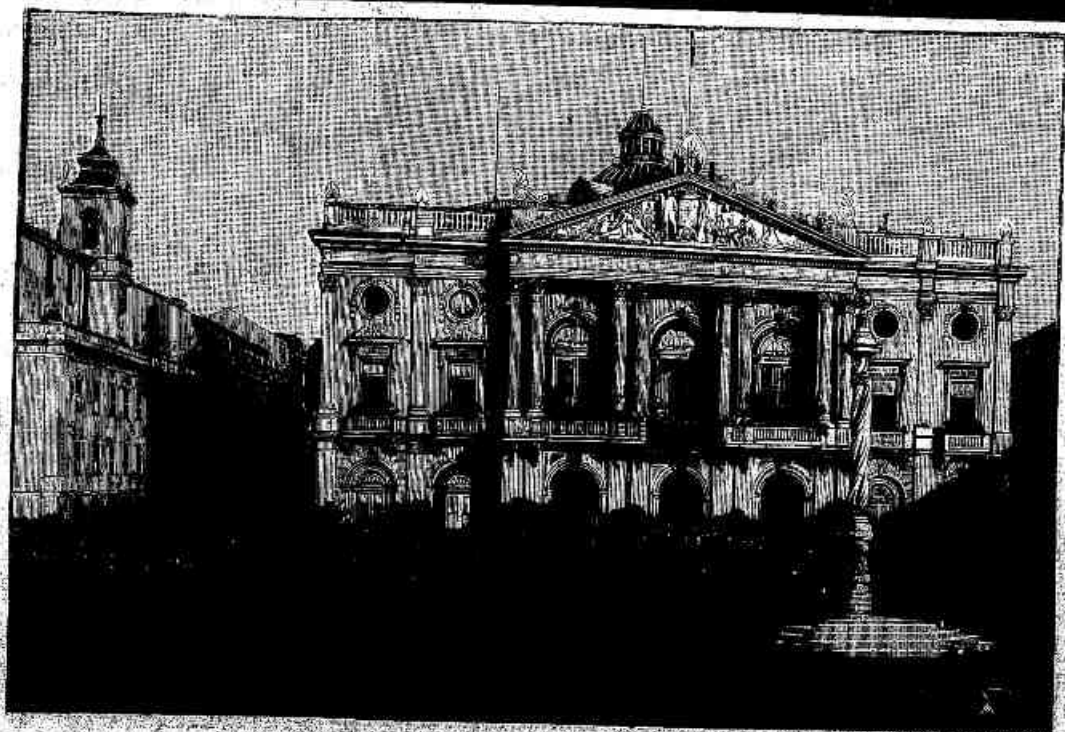
DIRECTOR-PROPRIETARIO : MARIANO PINA

Anno VII. — N.º 2.

PARIS, 20 DE JANEIRO DE 1890

Escrevemos em Paris, 13, Quai Voltaire.

100 réis cada numero.



1. A sala das Cortes durante a cerimonia de acclamação. — 2. Entrada do cortijo do palacio da Câmara Municipal.

LISBOA. — A ACCLAMAÇÃO DE S. M. EL-REI D. CARLOS I.



## CHRONICA

**O**S jornaes portuguezes andaram tão occupados com as festas da acclamação, com a abertura das cortes, com as questões brasileiras e com as questões africanas, que nenhum d'elles se lembrou de prestar um momento de attenção para uma pequena, mas terrivel noticia, que appareceu no dia 4 de janeiro nas columnas do *Diário Popular*. Eis o que se lia na folha lisboense: transcripto dos jornaes transmontanos:

«E' extraordinario o numero de familias que, arrastadas pela fome e pela miseria, abandonam os patrios lares para procurarem no Brazil a felicidade que aqui não encontram. A nossa provincia está pobrissima e carece por isso d'um grande auxilio do governo. Com ao menos provisoriamente se occupem esses contadores de braços na construção de estradas, que tão necessarias se tornam entre nós. Ha dias estavam, segundo nos referiram, na estação do caminho de ferro de Mirandella perto de 20 familias completas: que se destinavam aos portos do Brazil. Homens e mulheres, velhos e crianças, todos chorando, abandonavam a patria que lhes não dava já o necessario alimento!»

Orá parece-me que o assumpo merece ser discutido largamente, e que é mais digno d'um artigo de fundo, do que o modo como está sendo dirigida a empresa do theatro de *São Carlos*, ou do que o effeito que produzem no largo do Rocio as famosas fontes monumentaes, devidas ao gosto decorativo do sr. Fuschini.

Meu Deus! a razão porque o theatro de *São Carlos* é tão mal dirigido, é simples de achar. Ou esse theatro é realmente um estabelecimento do Estado, ou não é. Se é, se é o theatro, se é o contribuinte quem tem de pagar o divertimento favorito da corte, que se ponha a direcção d'esse theatro a concurso; que se abra concurso para directores de opera como se abre concurso para consules, ou para delegados do procurador regio, ou para professores; e que se dê a direcção de *São Carlos* ao individuo que mostrar maiores aptidões theatraes.

Desde já apresento a minha candidatura, attendendo a que me não parece difficil, por pouco que conheço de theatros, succeder ao sr. Fuschini, que eu creio ser um optimo engenheiro, mas um detestavel director.

Se o theatro não é do Estado, se o Estado não deseja tomar todas as responsabilidades, então supprimam-lhe o immoralissimo subsidio, e deixem que as empresas particulares tratem de descobrir attractivos para que a sala se encha.

Se não apparecerem para esta combinação de «*São Carlos* sem subsidio» empresas nacionaes, não faltarão empresarios francezes ou italianos. Basta ceder-lhes de graça o edificio, e assegurar-lhes que o theatro continuará sendo o preferido da corte para as recitas de gala, e eu lhes prometto que não faltarão concurrentes.

Sómente, o theatro de *São Carlos* nunca ha de ser senão o que elle foi hontem, e o que elle hoje ainda é — um rico nicho da minha alma! Convem que seja sempre assim — trapalhada meio official, meio particular — que nós todos conhecemos e supportamos, para os governos anicharem amigos sem meritos para outros nichos de maior responsabilidade publica.

Em Arte nem se falla... Quando apparecem cantores portuguezes como os irmãos Andrades, applaudidos por publicos que eu ousou julgar tão esclarecidos como o nosso, attendendo a que não vejo onde está a differença entre um enten-

dido de *São Carlos* e um entendido de *Covent-Garden*, — o primeiro cuidado patriótico da direcção é pô-los de lá para fóra, e dar-lhes redondamente com as portas na cara. Ora os atrevidos! como se *São Carlos* tivesse subsidio para animar e applaudir artistas nacionaes! Querem comer?... Que o ganhem no estrangeiro!

Quando apparece um compositor portuguez, é preciso que esse curioso mortal possua por acaso varios contos de réis, como o sr. Alfredo Keil, para gastar com a *mise-en-scène* da sua opera. O que é deveras animador para futuros compositores que não tenham por acaso e a proposito um paiz millionario.

E no que diz respeito a contas, entre a Empresa e o Governo, essas contas nunca ninguém as viu detalhadamente, como nunca ninguém viu as contas do que custou ao Thesouro a famosa Exposição comico-indigena, organizada na Avenida, por Sua Insignificancia, o visconde de Melicio...

E enquanto os subsidios vão e vem e os jornaes discutem *São Carlos*, — as nossas provincias vão-se despoando; homens, mulheres e crianças perseguidos pela Fome vão a caminho do Brazil!...

Mas quem é hoje em dia que se importa com os que soffrem; com os que não tem de comer; com os que vivem miseravelmente por essas aldeias e por esses campos; com os que precisam ir procurar n'um paiz longiuo o pão e o trabalho que o seu paiz lhes nega?... Soffrem?... Tem fome?... Que temos nós com isso?... Desembruhem-se da vida!... Joguem na alta ou na baixa dos fundos; inventem syndicates; peçam concessões de terrenos na Africa; arranjem uma commissão para virem estudar pombos correios a Paris, ou para fingir que copiam cartas de D. Afonso VI na Bibliotheca Nacional de França!...

Outro genero de trabalho não ha, já não é da moda... Não sabem senão cavar, ou britar pedra, ou lavar campos, ou trabalhar em officinas?... Pois meninos, aguentem-se no balanço, ou saíem-se para o Brazil! E adeus, que temos de ir ver as fontes do Rocio!...

As bellas fontes monumentaes do Rocio! — uma ideia que eu creio acudio ao cerebro do sr. Fuschini, quando pela primeira vez, ha dois annos, pôz o pé na praça da Concordia. Como eu tambem ardo em desejos de as ver e de as admirar, essas duas fontes monumentaes agora mettidas a cubna n'uma praça que já era sufficientemente ornamentada para as suas acanhadas dimensões, com a estatua do Dador, as arvôres, os kiosques dos jornaes, os barcos, os... sumidoiros monumentaes, os carros de aluguer, as sentinellas, as guaritas, os americanos e os rippers!...

Porque processos mechanicos ou divinos foi o sr. Fuschini capaz de introduzir duas fontes monumentaes, a secco (porque segundo affirmam os periodicos, não ha agua bastante em Lisboa para que as fontes possam verter ou espirrar) — n'uma praça onde já não era facil duas pessoas puserem de braço dado, e muito menos duas pessoas altercarem com gestos desmedidos?...

O sr. Fuschini ha de permittir-me que eu lhe diga, mesmo antes de o ter visto, que o seu Rocio deve estar horroroso com essas duas fontes, parodiadas da praça da Concordia.

E mais ha de permittir que eu lhe diga, com todo o respeito e sympathia que o sr. Fuschini me merece, que a Camara de Lisboa dará cabo em poucos annos da physionomia da capital, com a sua mania de querer macaquear a capital franceza, de querer fazer de Lisboa um «pequeno Paris».

Por acaso a cidade de Paris pensa um instante em parodiá Londres, ou vice-versa? Por acaso Amsterdan, para ter um tamanho encanto e ta-

manha originalidade, parodiou as architecturas ou as decorações de qualquer capital? Por acaso algum parque de Londres se parece com algum jardim ou bosque de Paris?...

Não é com fontes ou com kiosques segundo o estylo francez, que Lisboa virá a ser uma linda cidade. O que é preciso, é que a Camara olhe para os montes da capital e os arborise; para os predios e os mande caíar; para os telhados e os mande limpar; para as ruas e as mande lavar e varrer. E de cada vez que se sobe a São Pedro d'Alcantara, e se admira um tão bello panorama, não vejamos uma cidade de casas sujas e poeirentas, com fraldas e rodilhas a seccarem pelas janellas...

Mais arvôres, mais cal, mais agua, mais vas-soura e mais posturas, — e menos fontes, menos... sumidoiros e menos kiosques!

E se fôr possível, tambem um olhar de piedade para esses homens, essas mulheres, essas crianças, para todos esses portuguezes que tem tanto direito à vida como eu, ou o sr. Fuschini, e que, perseguidos pela Fome, deixam a patria e vão procurar pão para longe d'ella...

Bons e infelizes portuguezes! que supportam a miseria, a Fome, sem queixumes, sem revoltas, sem um protesto, sem uma ameaça!...

Bons e infelizes portuguezes! que partem, chorando, para outros paizes, sabendo soffrer a desgraça, resignados, sem um odio, sem uma blasphemia, — sem uma d'estas revoltas dos miseraveis de França, de Inglaterra, de Belgica e da Alemanha que, quando a fome os persegue, assaltam as lojas, pilham as casas e largam fogo aos palacios...

Tenham um olhar de piedade para essas boas e santas almas!... E se quizerem, facilmente encontrarão nos 5000 contos que todos os annos nos custa um exercito de opereta, com que acudir à Fome que se alastra pelas nossas provincias do norte.

MARIANO PINA.

## ANTHOLOGIA PORTUGUEZA

### BARCA BELLA.

Pescador da barca bella,  
Onde vás pescar com ella,  
Que é tam bella,  
Oh pescador?

Não vês que a ultima estrélla  
No ceo nublado se vela?  
Colhe a vela,  
Oh pescador!

Deita o lança com cautella,  
Que a sereia canta bella...  
Mas cautella,  
Oh pescador!

Não se inrede a rede n'ella,  
Que perdido é remo e vela  
Só de vé-la,  
Oh pescador.

Pescador da barca bella  
Inda é tempo, foga d'ella,  
Foga d'ella  
Oh pescador!

GARGENT.

Com o presente numero é distribuido a todos os nossos assignantes o frontespicio, e indice do VOLUME VI-1889, que finalisa com o numero 24 de 20 de dezembro de 1889, da ILUSTRAÇÃO.

## AS NOSSAS GRAVURAS

## Recordações da Exposição de Paris

**A** TERRIVEL actualidade não nos invade agora do mesmo modo que nos números precedentes; e a *Illustração* pode hoje conduzir os seus leitores de Portugal e do Brazil através as bellas recordações da grande Exposição de Paris...

Grande e bom grande na verdade; e quanto mais d'ella nos afastamos, mais nos surpreende a lembrança das maravilhas e dos prodigios agglomados no Campo de Marte e na esplanada dos Invalides; e quanto mais a recordamos, mais vemos que os seus effeitos foram prodigiosos em toda a Europa, e que não é a França, a França trabalhadora e genial que suspira pela guerra, — mas sim esses paizes armados até aos dentes, que querem ser grandes pela força dos seus canhões e dos seus couraçados. E enquanto a Alemanha e a Inglaterra nada nos mostram que possa interessar e emocionar o espirito humano; — do lado da França, do coração d'este Paris todos os dias surgem os mais variados acontecimentos, que são o encanto do nosso espirito e a quietação feliz da nossa alma.

E' por isso que a França, apesar das suas cambalhotas politicas, apesar da luta dos partidos, das guerras a que estão sempre expostas as suas instituições, — sobrenada, e irradia sobre todo o mundo, como unico farol para onde voltam os olhos avidos de luz, todos os corações e todos os espiritos...

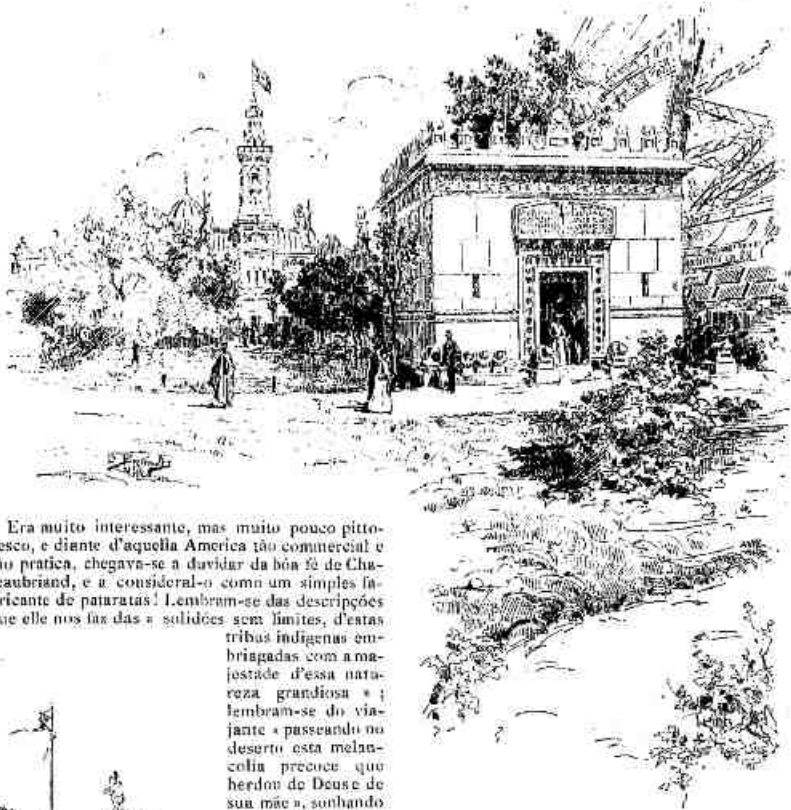
Era muito interessante, mas muito pouco pittoresco, e diante d'aquella America tão commercial e tão pratica, chegava-se a duvidar da boa fé de Chateaubriand, e a considerá-lo como um simples fabricante de patacotas! Lembra-se das descripções que elle nos faz das « solidões sem limites, d'estas

tribas indígenas embriagadas com a majestade d'essa natureza grandiosa »; lembram-se do viajante « passeando no deserto esta melancolia precoce que herdou de Deus e de sua mãe », sonhando com « a epopéia da vida selvagem, o idyllio das raças primitivas; lembram-se dos *Natchez*, de René e do *Atala*?... Pois imaginem agora todos essas phantasias poeticas e essas scenas adoraveis n'um scenario de pelles cortadas, de madeiras serradas e de latas de conservas, — e terão assim uma ideia da

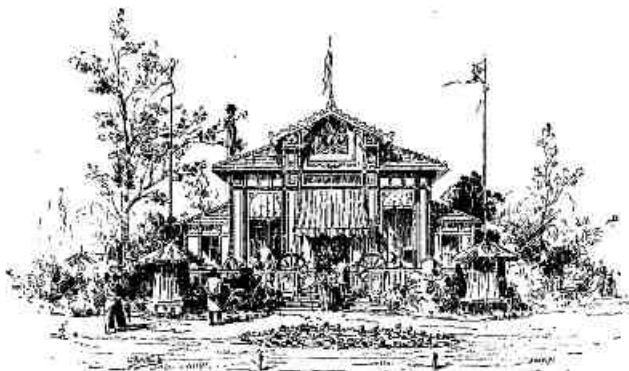
moderna America de Chateaubriand!... Lancemos um derradeiro olhar para o elegante pavilhão da Noruega, todo feito de pinho onvernizado, executado no paiz, e trazido em peças para o Campo de Marte, onde foi armado. Era assim que Bordallo Pinheiro tinha querido fazer o nosso pavilhão portuguez, com pinho e outras madeiras

nacionais. Mas quando Bordallo chegou a Paris já Melicio, o immenso, o prodigioso, o insignificantisimo Melicio havia feito todos os seus contractos, e Bordallo e toda a commissão portugueza tiveram de se sujeitar ao tal pavilhão *Luiz XV portuguez* com que Melicio arruinou o subsidio do governo portuguez... Mas socoquem, leitores, que ainda o havemos de ver ministro de Portugal, para gloria d'este fim de seculo em que nos debatemos...

Olhemos para o pavilhão Toché, onde havia uma notavel exposiçao de aquarellas, — assumptos para tapeçarias e para pinturas decorativas. Não esqueçamos o pavilhão do globo terrestre, globo collosal dentro d'uma escada em serpentina, para assim o publico poder ver a Terra, desde o polo norte até ao polo sul. A carcassa d'este globo que vae ser collocado n'um jardim de Paris, é de ferro, coberta de 580 paineis de certão pasta, sobre os quaes



PAVILHÃO DA REPUBLICA DO EQUADOR.



PAVILHÃO DA REPUBLICA DOMINICANA.

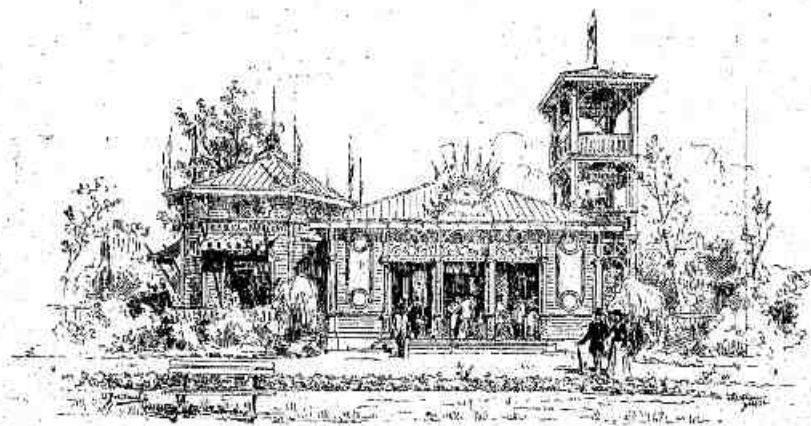
E' esta superioridade moral sobre todos os outros paizes que ninguém, por mais que tente, é capaz de lhe tirar ou de lhe diminuir. E foi esta superioridade que a França mais uma vez afirmou durante todo o anno que acaba de morrer, apesar da guerra feita á Exposição pela ridícula *greve* das monarchias europeias, e especialmente pela politica allemã, italiana e austriaca. Como se hoje em dia a opinião de um governo significasse alguma coisa, quando tem contra si a opinião publica do seu paiz!...

Passamos hoje em revista todos os pavilhões que se construíram no Campo de Marte, — todos aquelles que os nossos leitores ainda não viram nas paginas da nossa revista.

Vemos o pavilhão da Republica Dominicana, — o pavilhão da republica do Equador, — o pavilhão da republica do Paraguay, — o pavilhão da republica de São Salvador, — o pavilhão da republica do Uruguay, — o pavilhão da republica de Guatemala: toda a serie, finalmente, dos pavilhões da America do Sul.

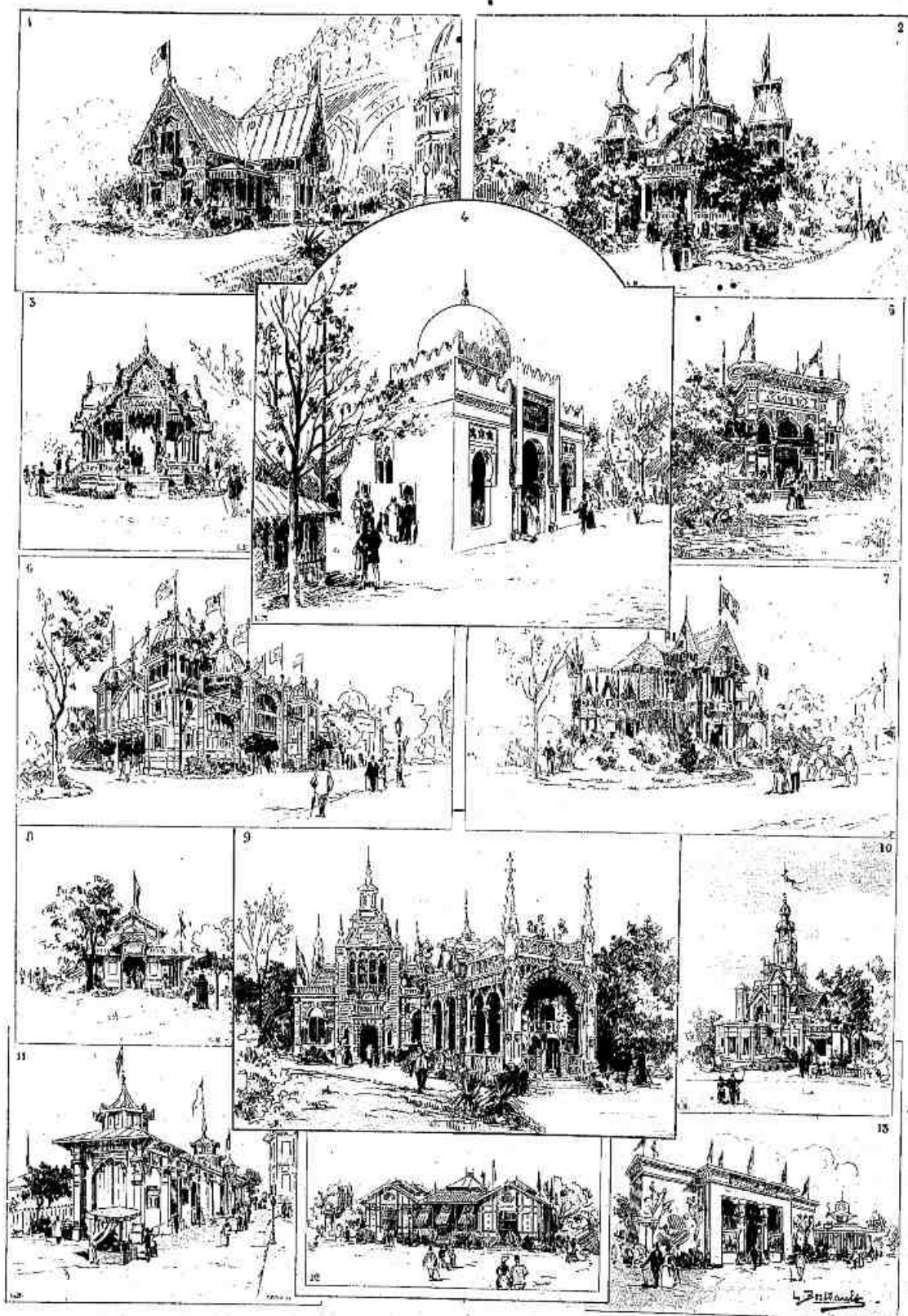
Lá dentro todos estes pavilhões se pareciam uns com os outros; as riquezas do solo americano são d'uma monotonia desesperadora: pelles, madeiras, lãas, e sempre pelles, sempre madeiras, sempre lãas...

Mas o que triumphava em toda esta America do Campo de Marte, era a lata de conservas: Conservas de carne, em pães, em latas, em frascos; conservas de legumes, de fructos, de molhos, de caldos, de temperos; por toda a parte conservas em columnas, em arcadas, ou então a inevitavel pyramide de latas e mais latas...



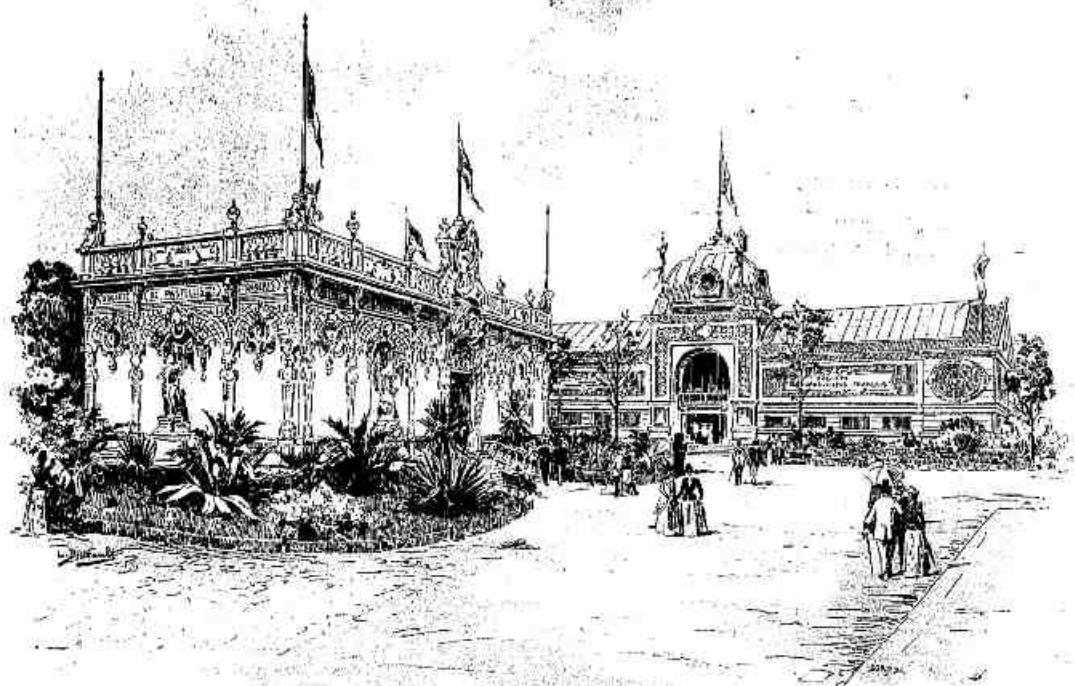
- PAVILHÃO DO PARAGUAY.



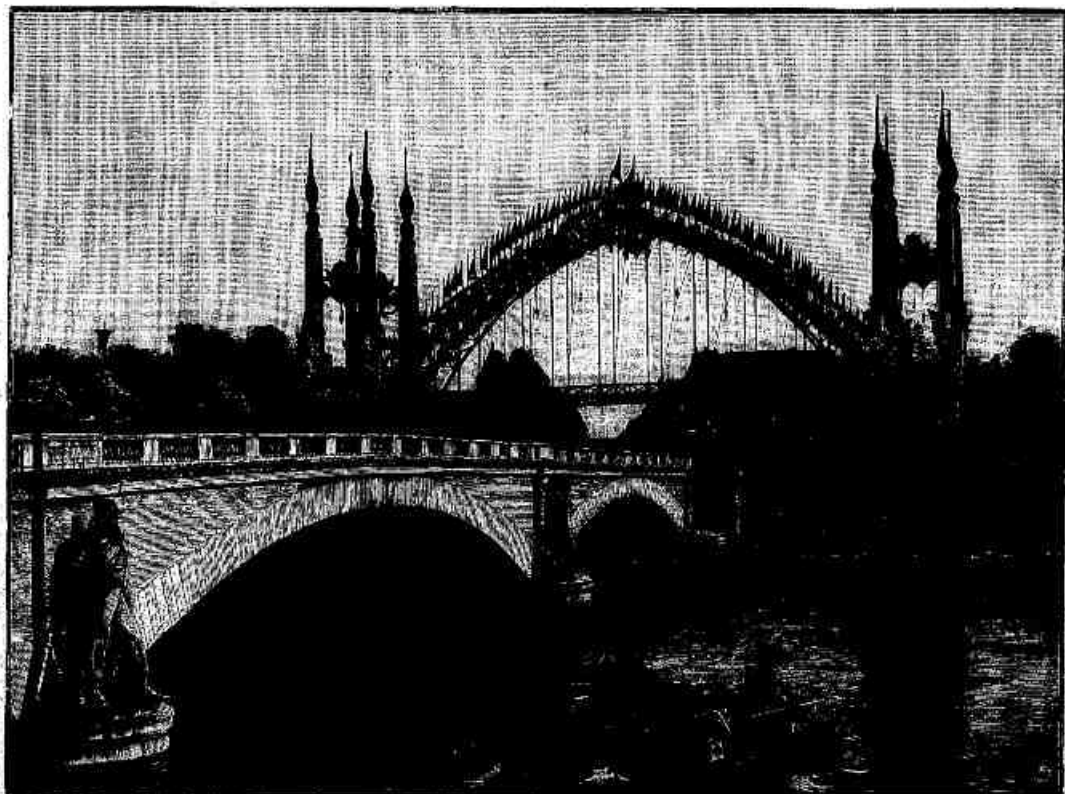


1. Pavilhão da Socie. — 2. Finlândia. — 3. S. S. S. — 4. Marrocos. — 5. Tabacos turcos. — 6. Uruguay. — 7. Guatemala. — 8. Hawaí. — 9. Lapidação de diamantes.  
10. Obras publicas (Traceres). — 11. Bazar chinês. — 12. Manufacturas do Estado. — 13. Canal de Suez.

RECORDAÇÕES DA EXPOSIÇÃO DE PARIS. — DIVERSOS PAVILHÕES DO CAMPO DE MARTE.



RECORDAÇÕES DA EXPOSIÇÃO. — OS PAVILHÕES DOS AQUARELLISTAS E DOS PASTELLISTAS FRANCEZES.



RECORDAÇÕES DA EXPOSIÇÃO DE PARIS. — A PONTE PENIL SOBRE A PONTE DE L'ALMA.

foram pintados os oceanos, os continentes e as ilhas. A circunferência d'este globo é de 40 metros: representa exactamente a superfície da terra na escala d'um millionésimo: e a escada em serpentina deixa ver successivamente a Africa, a Asia, a Europa.

De todos os theatros da Exposição um dos mais interessantes era o das *Folies Parisiennes*, genero café concerto de Paris. A scena, os camarites, os camarins, o scenario, tudo, tudo quanto n'um theatro é um perigo constante d'incendio, era ali em folha de ferro, em folha de ferro pintada. Este theatro era um verdadeiro typo de theatro á prova de fogo. Muitos empregados francezes e extrangeiros se serviram do modelo, para fazer theatros de verão. E é um theatro assim, pelo modelo das *Folies Parisiennes*, que nós precisamos em Lisboa, — um theatro de verão, um theatro de jardim, para funcionar desde abril até ao fim de outubro, mezes em que se não pode estar em nenhum dos theatros que Lisboa possui. Mas pelo amor de Deus e dos lisboetas, se a ideia sorri a algum empresario, que esse inovador não vá pedir informações a Melicio... Melicio não sabe absolutamente nada do que havia na Exposição... Também não procure a sr. Silva Industriosa... Esses anaveis liguêres ainda duvidam se effectivamente houve em Paris uma Exposição Universal — tão occupados andavam com os seus achacques.

Terminemos a série dos nossos *croquis* sobre os dois aspectos do Campo de Marte. Estamos do lado do palacio das Artes-Liberaes, no alto da pagina, olhando para um dos lados do pavilhão do Brazil, em baixo olhando para o zimbório do palacio. Nos dois *croquis* se advinha esta animação extraordinaria do Campo de Marte, que fez d'este pedaço de terra, durante seis mezes, o sitio mais envejado do Mundo, onde todos queriam ter vindo, onde todos ambicionavam passear.

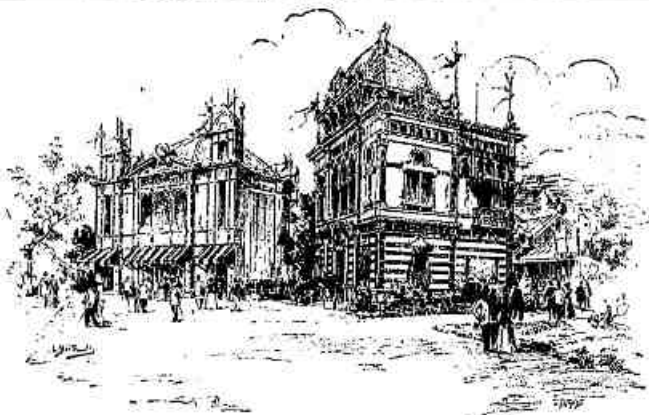
Quem ha ali, por mais *blasé* ou mais indifferente de temperamento, que não sinta ainda hoje remorsos do não ter vindo a Paris, ou pena de não ter tido os meios de realisar essa viagem...

Na pagina onde reunimos treze desenhos de pavilhões diferentes merece especial menção essa encantadora casa hollandeza do século XVI, com a sua linda fachada de tijolos, os balcões bordados, as janellas enquadraes de verdadeiras fayas de Heli, onde se lapidavam brilhantes diante do publico, como elles se lapidam em Amsterdam.

Dois ligeiras casas de madeira, construidas na Finlandia e na Suecia, e trazidas em peças para o Campo de Marte, como o pavilhão da Noruega, symbolisavam os paizes do norte. Mais adiante o pavilhão onde se vendiam os tabacos da Turquia.

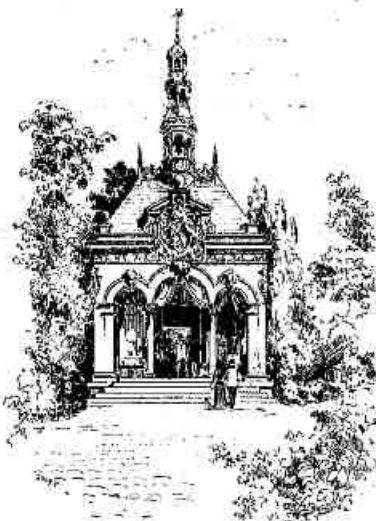


PAVILHÃO DA NORUEGA



PAVILHÕES DO GLOBO TERRESTRE E DE SÃO SALVADOR.

Digamos de passagem que todos os paizes vendiam no campo de Marte os seus tabacos, excepto Portugal, pela simples razão de que Melicio nunca leu os regulamentos, nem os programma da Exposição de Paris... O pavilhão de Marrocos era immensamente pittoresco, assim como o pavilhão de Siam que dava vontade de o collocar sobre uma *étagère*.



PAVILHÃO TÓCHI.

(Grandes decorações.)

O governo francez, além das manufacturas do Estado, mostrava-nos no Trocadero um pavilhão especial do Ministerio das obras publicas: li dentro viam-se pontes, viaductos, tuncis, planos, aqued, atlas, livros, quadras estatisticas, cartas geologicas, cortes de jazigos mineros, caminhos de ferro, vias navegaveis, etc... Os profanos viam com curiosidade os trabalhos para a perforação do tunnel sob a Mancha; um appparelho destinado a illuminar as balizas e os recifes, com acompanhamento de sercia, este horrivel instrumento a que um melodista de mau gosto chamou *Wagner nautico*; finalmente, a curiosa reconstituição da fachada do palacio d'Artaxerxes em Susa, graças aos documentos obidos durante a sua missão scientifica por Mene-Dieslary.

Olhemos com sanidade para os pavilhões dos *pastellistas* e dos *aquarellistas* francezes, para esses dois pavilhões, onde se achavam reunidas tantas obras primas da arte franceza, da verdadeira, da delicada, da commovente, da caracteristica, da deliciosa arte franceza, — da que é ainda hoje uma brilhante continuação de todo o século XVII.

Nos *pastellistas* não se sabia que mais admirar, se os trabalhos de Lhermitte, ou de Gervex, ou de Puvis de Chavannes, ou de Madeleine Lemerre, ou do Besnard, ou de Dubufe, ou de Lévy; nos *aquarellistas* o deslumbramento era indescrivivel diante das aquarellas de Madeleine Lemerre, de Duez, de Aimé Morot, de Adrien Moreau, de Maurice Leloir, de Delort, de Neuville, de Detaille, de Lhermitte, etc.

Perguntem a Ramalho Ortigão, ao Conde de Ficalho, ao Conde de Seisal, a Bordallo Pinheiro, a Columbano, a Jayme de Ságuier, a Carlos Valbom, a Fernando Caldeira, a todos quantos entraram as portas d'aquelles dois pavilhões, se o coração se não entristece com a ideia de que nunca mais tornaremos a ver uma collecção tão bella, como a dos *aquarellistas* e *pastellistas* francezes...

Mas não perguntem nada a Melicio, porque Melicio só conhece uma arte — a arte de matar a Arte, por onde passa o seu bafio conselheiral...

E todos quantos visitaram o pavilhão portuguez do Quai d'Orsay, que lancem um derradeiro olhar para a curiosa e elegante ponte pensil, que galgava



O THEATRO DAS FOLIES-PARISIENNES.

pelo caminho da ponte d'Alma, pondo em communição as galerias ao longo do caes, sem de modo algum prejudicar o transito publico. Era uma ponte lindissima, ornada do conteúdo de bandeiras de todos os paizes, e ligeira como um fio aereo.

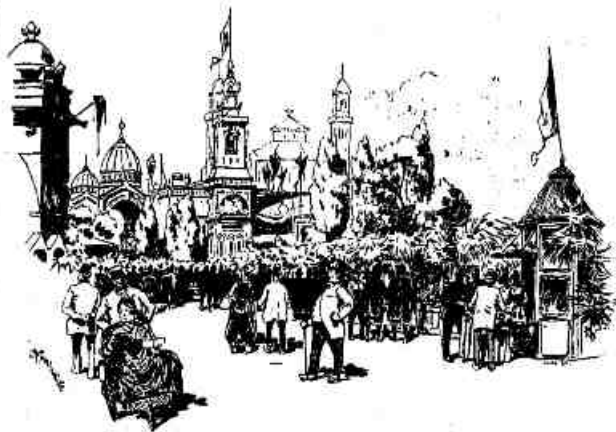
Viram-a todos quantos frequentaram o nosso pavilhão, aquelle que foi admiravelmente ornamentado e instalado por Bordallo Pinheiro. Porque é preciso que fique bem presente este facto, que nenhum dos delegados especiaes que vieram a Paris, principalmente aquelles que vieram com todo o seu *papotismo*, burocratico, com toda a sua sciencia de *mangas d'alpare* e de melitros doutores do Terreiro do Paço, nada collaboraram no brilho da Exposi-



ção. Foram simples delegados do respeito, como ha coches de respeito nos passeios triumphaes da nossa corte.

De resto, basta ler o numero especial dos Pontos nos li e o interessante relatório do sr. Pinto Coelho à Associação d'Agricultura portugueza, para comprehender, para advinhar, o que fez e que melhor fora que não fizesse, o populismo indigena.

Amigos leitores: Melicio não é um caso isolado, na sociedade portugueza. Melicio é uma epidemia... Oxalá ella fosse tão facil de curar, como foi a influenza!



Aspectos do Campo de Mar. 1.

### A aclamação d'El-Rei e sr. D. Carlos I.

A Illustração offerece hoje aos seus leitores uma série de interessantissimas gravuras acerca da aclamação de S. M. El-Rei e sr. D. Carlos I, gravuras feitas sobre photographias expressamente tiradas para o nosso collega parisiense o Monde

Illustração, e em cujas paginas Mariano Pina collabora ha varios annos.

O sr. Bobone, que hoje se achava á frente do importantissimo atelier Filin, promptificouse a enviar-nos varias photographias instantaneas das festas da aclamação. Essas photographias eram esperadas em Paris no sabbado 5, ou no domingo 6 de janeiro, para serem immediatamente distribuidas pelos desenhadores e gravadores do Monde, e apparecerem com toda a actualidade no numero semanal do Monde que é distribuido em Paris todas as sextas-feiras pela manhã. Mas por um destes deslucos postas que se dão com correios e comboys portuguezes, essas photographias só chegaram a Paris na 3.ª feira 7 de janeiro, ao meio dia 1.º.

Impossivel adiar para a semana seguinte as gravuras segundo as photographias instantaneas do dr. Bobone, porque outros semanarios illustrados podiam tomar advantageira ao Monde Illustré. A unica solução era um torcedor ferre de desenhadores e gravadores. Assim se fez.

Na 3.ª feira 7 de janeiro, ás 4 horas da tarde as photographias do sr. Bobone com distribuidas pelos collaboradores do Monde. E na 5.ª feira ás 3 horas da madrugada entravam as gravuras na machina; e o Monde Illustré era distribuido em Paris na 6.ª feira, sem ter soffrido uma só hora de atraso 1.º.

N'outra machina da mesma officina, o pressur numero da Illustração esperava que finalizasse a tiragem prodigiosa do Monde (cerca de 6000 exemplares) e immediatamente entraram essas gravuras nas paginas do nosso jornal, que d'esta vez teve de ser feito com grande antecedencia, por causa das exigencias das Messageries Maritimes no que respecta a recordorios de Paris para Lisboa.

E aqui tem os leitores os tormentos porque passam os jovens illustrados quando querem andar bem informados.

N'esto momento a Illustração lucta com uma gravissima difficuldade — o numero de dias que se perdem entre o dia da sua impressão em Paris, e o dia da sua distribuição em Lisboa: E' uma demora terrivel que faz com que o nosso jornal perca uma parte do seu interesse. Esta demora é devida aos caminhos de ferro, ao transporte por mar, ás baldeações, á alfandega, aos mil e um obstaculos da famosa rotina de transportes entre França, Hespanha e Portugal.

Estamos, porém, estudando uma importante combinacão, e-se a poderemos levar a effecto, com a ajuda dos nossos leitores, d'ella fallaremos n'um dos proximos numeros.

Tentese, não mais nem menos, do que fazer viajar a Illustração — pelo sub-express 1.º.

O nosso jornal imprime-se em Paris n'um sabbado, e chegar na 3.ª feira seguinte ás mãos dos nossos assignatarios.

D'este modo a Illustração puz em tres dias os seus leitores de Portugal ao corrente dos grandes acontecimentos europeus.

Éis toda a nossa ambigão!

As festas da aclamação de S. M. El-Rei e sr. D. Carlos I, que se realisaram em Lisboa nos dias 28 e 29 de dezembro findo, não necessitam de ser por nós descritas, pois que o foram largamente por todos os jornaes diários.

A Illustração só compete illustrar-as, e as nossas gravuras serão o melhor documento historico d'essas solemnidades que marcaram o começo do reinado do sr. D. Carlos.

Chamamos especialmente a attenção dos nossos leitores para os primarias desenhos que reproduzem os melhores tipos dos famosos coches da Casa real, alguns dos quaes figuraram no cortejo do dia 28 de dezembro, — e que são verdadeiras maravilhas d'arte decorativa do século XVIII. Todos esses coches foram executados em França, e são bellos documentos da opulencia da corte de Portugal nos tempos de D. Pedro II, de D. João V e de D. José I.

As outras gravuras representam: — a chegada do cortejo real ao palacio das Cortes; — aspecto da sala das cortes durante a cerimonia do juramento; — sahida do cortejo da igreja de São Domingos depois do Te Deum; — chegada do cortejo real ao palacio de Camara Municipal no largo do Pelourinho; — a desfilada das tropas na Avenida da Liberdade, vendo-se á entrada da Avenida o bello monumento dos Restauradores.

Todas estas gravuras deveriam-as á actividade, á intelligencia e ao bom gosto do sr. Bobone. O Monde Illustré e a Illustração agradecerão-lhe, profundamente reconhecidos, as suas magnificas photographias instantaneas.

### Paris. — O Natal das creanças pobres no palacio do Presidente da Republica.

O presidente da Republica franceza e Mme Carnot quizeram que as creanças pobres das escolas communes de Paris festejassem alegremente o Natal, que é a solemnidade tão guardada dos parisienses. E para esse fim, organisaram-lhes uma verdadeira festa no palacio do Elysee, no dia 25 de dezembro, nos mesmos salões em que no dia 1.º de janeiro foi recebido todo o corpo diplomatico e as grandes auctoridades de França.

A' uma hora da tarde do dia de natal o bando das creanças, formado por dezentos rapazes e duzentas raparigas, chegava ao Elysee, dentro de quaquara ornibus. Todas as creanças, introduzidas na grande sala das festas, se achavam agrupadas sob a vigilancia dos mares das vinte circumscriptões de Paris, e dos professores e professoras das escolas.

Mme Carnot appareceu então diante do seu auditorio, e n'um curto speech, exprimio o sentimento que causava ao Presidente não poder assistir a esta festa por causa da influencia e accrescentou que o seu maior desejo era que as creanças presentes guardassem a melhor lembrança do Natal passado no Elysee.

Comegou em seguida a festa: primeiro representacão de Guignol. Em seguida merenda: chocolate, bolos, xarops, sandwits, etc. E por ultimo a distribuição dos presentes suspensos das arvores do Natal. E' Mme Carnot quem distribue a cada creança, primeiro um livret de da caisse d'épargne (caixa de economias) do valor de dez francos, e um capote, uma espingarda, um pacote de doces e varios billetes. Para as raparigas o capote era substituido por uma capeline e a espingarda por uma boneca.

Officiavam as ordens do presidente da Republica auxiliavam Mme Carnot nesta distribuição. Eram o colonel Lichtenstein, o commandante de Mauger, o commandante Chapiro e o tenente Lucioni.

Foi uma festa encantadora, da qual nos mostra diferentes aspectos o nosso brilhante collaborado Adrien Marie.



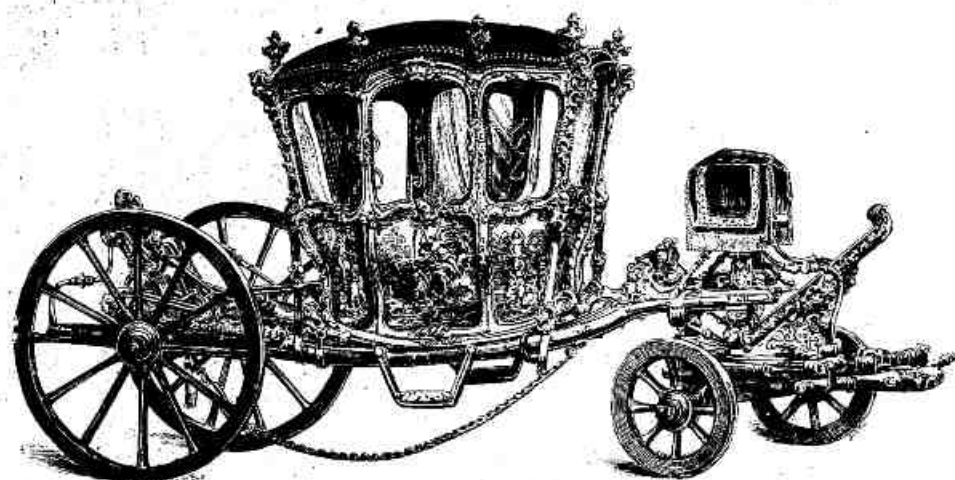
Aspectos do Campo de Mar. 2.

Illustré, pelo distincto photographo de Lisboa o sr. Bobone.

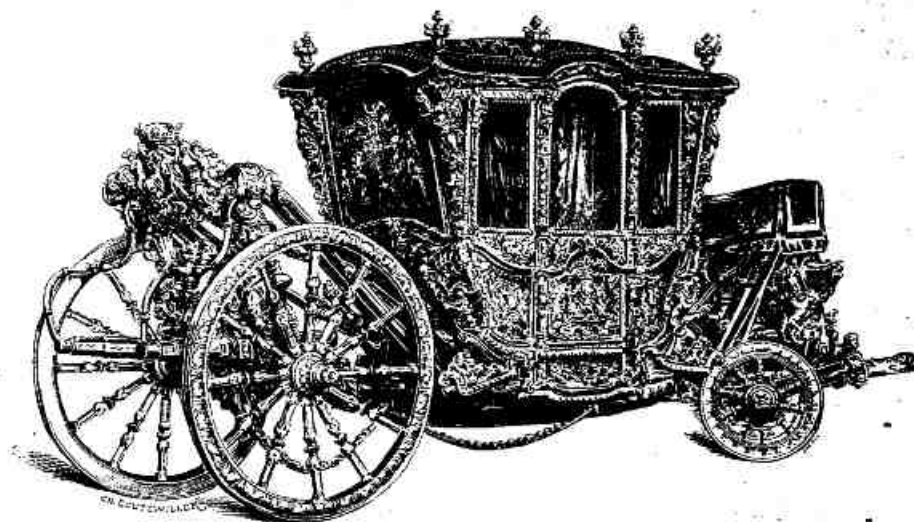
Roma não se fez n'um dia, — e um jornal como a Illustração, para ter perfectamente organizado o seu serviço de reportagem artistica, tanto em Portugal como no Brazil, precisa de consumir em ensaios que são sempre longos, não só muitos mezes, mas até alguns annos.

As festas da aclamação, pelo seu fausto, e porque a actual rainha de Portugal é uma princeza da Casa de França, despertavam grande curiosidade em Paris. Varios jornaes illustrados francezes pediram ao nosso director para lhes obter croquis ou photographias. Teve a presenca o nosso collega o Monde Illustré, em cujas officinas se imprime a

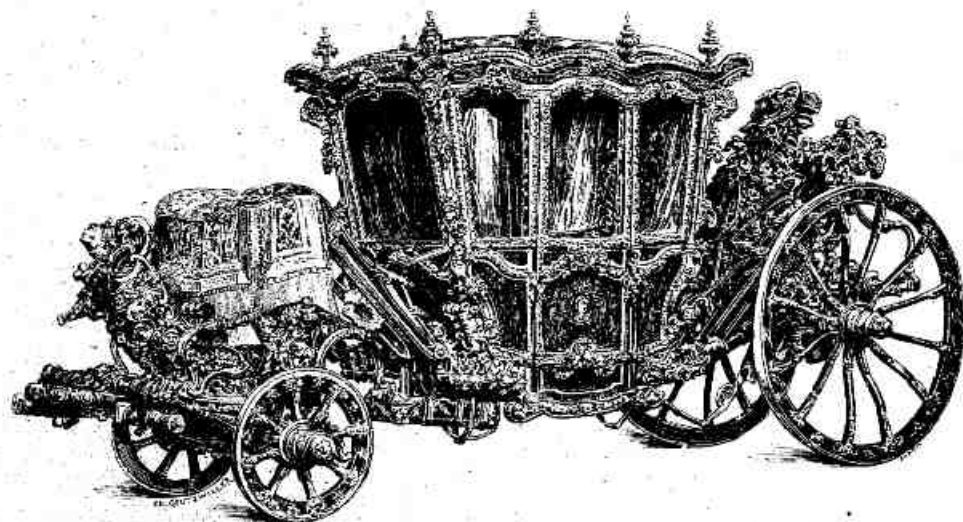




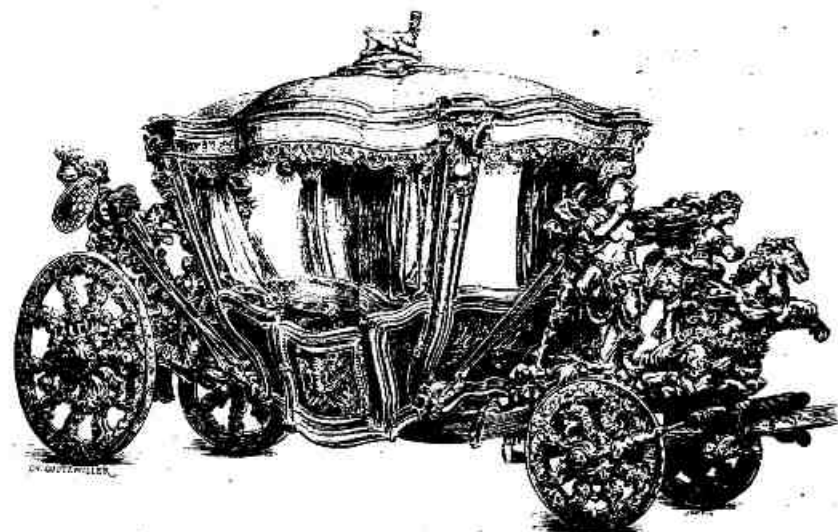
Cochete de Dom João I (1750).



Cochete oferecido por Luiz XIV a Dom João V (1708).



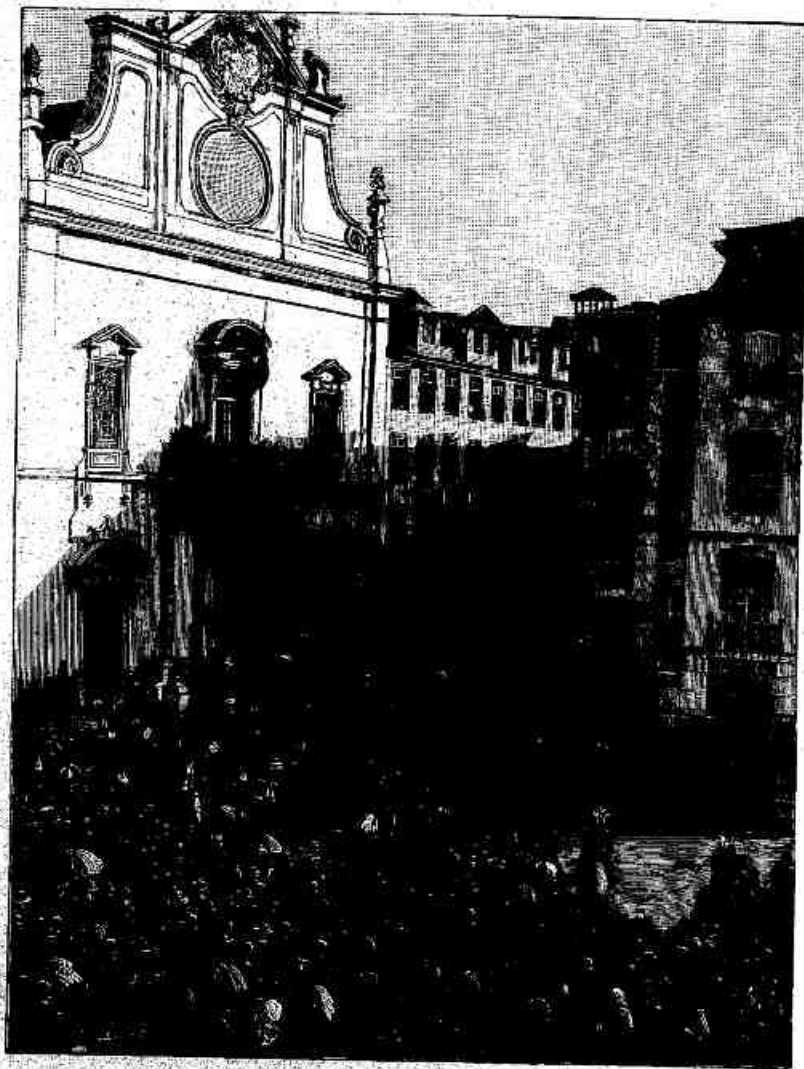
Cochete de Dom João V (1769).



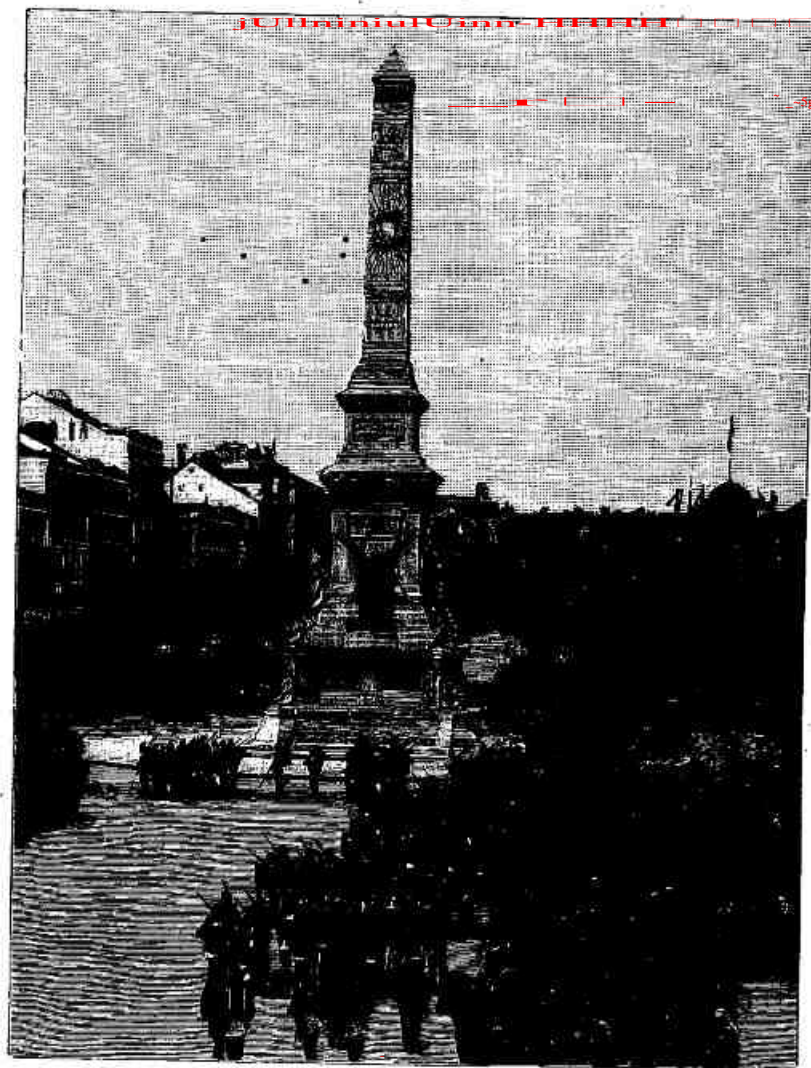
Cochete de Dom Pedro II (1827).

A ACCLAMAÇÃO DE S. M. EL-REI O SR. D. CARLOS I. — OS COCHES DE GALA DA CASA DE BRAGANÇA.





A SAÍDA DA IGREJA DE SÃO DOMINGOS DEPOIS DO C. TE. DEUM.



A RINCEZA. — O DESFILE DAS TROPAS PELO AVENIDA DA LIBERDADE.

LISBOA. — A ACCLAMAÇÃO DE S. M. EL-REI O SR. D. CARLOS I.



## A TRAVÉZ DE PARIS

A Exposição. — Paris vencido. — Batalha de pinceis. — Uma reunião agitada. — Os *Isentus*. — Reformas necessárias. — Mac-Nab. — O *anarchisme*. — Jeanne d'Arc e Sarah.

**E**STAMOS expiando agora a *dansa do ventre* e as mais abominações do verão passado. Pois que imaginam que é esta negregada *Influenza* senão — o Castigo! Muito felizes nos devemos julgar de elle ser relativamente ameno. Mas ainda assim, ô umbigos da rua do Cairo, bem caro nos custeis!

O caracter cosmopolita d'esta peste sternutatoria explica-se facilmente. Foi em Paris que o *Ventre dansou*, mas de toda a parte do mundo vieram contemplar os peccadores. Fimda a *Dansa*, regressaram estes a seus lares disseminados em todas as latitudes do Globo. Lá os foi procurar o Espirito do Inferno.

Com o devido respeito, parece-me que a Providencia toma as coisas muito a serio de mais. Por um pobre abdomen rotativo, e meia duzia de peccados conexos, não valia a pena desembainhar o gladio e mobilisar as catarrhaes. Depois, os Archangjos estão-se excedendo. A coisa começou pelo defluzo, e já descambou na pneumonia. Deixou de ter graça. Além d'isso, a peste não leva sobrescripto e fere indistinctamente innocentes e culpados. O meu amigo e director Mariano Pina, que é a innocencia mesmo, e que fugia da rua do Cairo como de Satanaz, é por exemplo uma das victimas. As expiações á groza dão d'estes resultados iniquos.

Paris cabiu n'uma tristeza morna de que não conseguem arrancar o os trezentos enterros supplementares que todos os dias augmentam a animação das principaes arterias. O dia de anno bom, tão risinho e tão festivo, foi d'esta vez exclusivamente galhofeiro para os gatos-pingados e Alquíles de coches funerarios, que se pagaram bacchanas delirantes e *réveillons* insensatos á custa dos influençados. Nas plateias do theatro crescem tortulhos lamentavelmente. O ar empestado carria microbios de melancholia desonvolta com os da *grippe*, e as facecias dos actores falham na humida tristeza dos camarotes vastos como tiros de polvora molhada.

Nunca vi Paris em similhante modorra. Esta cidade de espirito e de intelligencia sente-se aniquillada na estupidez do mal que a agride.

Com o cholera, com a febre amarella, com qualquer flagello violento, rapido e cruel, ella já provou saber lutar, reagir, defender-se. Metralhada a epigramas, a canções, a facecias, espicada de ironias, apupada a *calembourgs*, apeiçada a caricaturas, a epidemia tomava o partido de se ir embora, humilhada de não haver podido assustar Paris. As scenas porém mudaram. Envolta em flanelle, com a botija aos pés, um lenço amarrado na cabeça, o pinga no nariz, a tosse nos bronchios, o arrepijo na pelle, Paris está absolutamente vencido, subjugado, *maté*. O microbio d'esta vez deitou por terra o gigante.

.. A pintura a oleo destemperou na quize-na-finda. A reunião do Palacio de Indústria offereceu ao mundo o espectáculo de mil *rapazs* vociferando como um simples meeting de petroleiros. Qual o motivo da celeuma? As recompensas da Exposição. Devem ellas ser assimiladas ás recompensas do Salão annual e dar o direito de isenção aos premiados? A assembleia espumante, votou que não. Meissonnier entendendo justissimamente que os mil e tantos ener-

gumenos allí reunidos não tinham qualidade para declarar nullas e sem nenhum valor as recompensas que a França outorgara aos artistas nacionaes e estrangeiros cujas obras foram o encanto da Exposição finda, retirou-se dando a sua demissão. Resultado — scisão completa na grey do oleo e a ameaça de dois salões suspensa sobre a nossa cabeça. Eu peço misericordia.

O conflicto continua em estado agudo. O mal vem de longe e está no proprio principio das isenções que é absurdo. Pelo facto de haver em certo anno obtido uma recompensa, sabe Deus porque meios, qualquer salta-pocinhas de *atelier*, ficava in *eternum* dispensado de exame de admissão ao *Salon*. Pela razão especiosa de haver sido julgado *notável* (?!), uma vez na vida, assistia-lhe o direito de ser grotesco durante o resto da existencia. D'ahi essa maré odiosa de *crostas* horripilantes que todos os annos invade as cornijas e as galerias exteriores do Palacio de Indústria e que afoga no odioso apertão da turba a obra dos talentos, espontaneos e originaes. Supprimido esse privilegio absurdo, fica desde logo aberta no *Salon* uma clareira enorme. Toda a parasitagem dos mediocres e dos intrigantes, arrancada d'essa bella scara annual como se arrancam d'entre as boas e robustas espigas as gramineas vorazes, o jolo malvado, — logo o ar e o espaço tão necessario á vida deixarão de escassear como até hoje aos esperançosos e aos uteis. Teremos um *Salon* mais pequeno, mas infinitamente mais completo e valioso do que essa desgraçada e bambuchante Kermesse onde a desesperante e fecunda mediocridade atropella todos os annos a sobria e restricta produção do talento.

Além da supressão dos isentos — uma outra reforma se impõe — a diminuição do numero de electores do jury de admissão. O suffragio universal é tão tolo na arte como na politica, e dá lugar n'um e n'outro terreno aos mesmos abusos e aos mesmos escandalos. A preponderancia dos *ateliers*, sobretudo do famoso *atelier* Julian que é uma potencia no Estado, está-se tornando insupportavel e urge quanto antes destruir a influencia d'esses ninhos de intrigas que são o maior obstaculo que um artista independente pode encontrar na sua carreira.

.. O pobre Mac-Nab lá se deixou tragar pela grande esfomeada. Com elle desapareceu uma das alegrias de Paris. Montmartre está de luto por um dos seus filhos mais gloriosos, e um crepe funebre envolve a taboleta do *Chat-Noir*.

Os 7300 bravos do Mindello e outras praias de banhos que vieram o anno passado á Exposição conheceram decerto Mac-Nab que era visível todas as noites, a olho nu, na taberna de Salis. Era um homem magro, de perfil delgado, forte barba castanho escura, voz fraca e leve-mente cecijia. Recitava as 3213 extraordinarias canções com um phlegma absoluto, n'uma especie de metopza que o piano rythmava, e guardando sempre o seu frisar de *pince sans rire*.

Mac-Nab, apesar de republicano, era considerado entre os *puros*, como um odiado *aristo*. Em primeiro lugar, fora elle quem tivera a ideia das sextas-feiras dedicadas ao *high-life*, que attrahiam ao *Chat Noir* o bairro São Germano em péso. N'essas noites, a rua Victor-Massé regorjava de golpes bronzados e *côbeiros* de pelissa. Salis tonitruava discursos quidadosamente expurgados, e Caran d'Ache exhibia a *Epopeia* que é o mais decente espectáculo d'este mundo. Quanto ao Mac-Nab, esse limitava-se a substituir *f...* por *fichu* nas suas canções, o que salvaguardava ao mesmo tempo a decencia e a rima — mas isso bastava a tornallo suspeito a todas as pantheas de Batignolles.

Além d'isso Mac-Nab trojava dos *puros*. Foi elle o creador, ou pelo menos o mais perfeito vulgarizador do *anarchisme* hiruto e furibundo que Jean Beraud devia depois immortalisar no seu famoso quadro o *meeting*, deante do qual eu vi na Exposição um *clergyman* inglez sentar-se

no chão por não poder parar de pé com riso. A *Expulsão* fica sendo a obra prima não só do celebre cancionista, mas do genero litterario a que pertence, e vale por si só um longo poema. Não se descreve o *humour*, a cortante ironia d'essa meia duzia de estrophes onde a parvoice humana espelha o seu focinho obtuso e feroz, e que de um momento para o outro projectaram o nome de Mac-Nab em plena celebridade.

Com a cabeça cheia de rimas, de sarcamos e de estrophes scintillantes, o pobre Mac-Nab passava 12 horas por dia occupado a apartar cartas segundo os endereços, no Correio Geral. Este estapido trabalho era o seu ganha-pão. O Estado pagava-lh'o a razão de 4 libras por mez. Com este ordenado, as suas notas do *Chat-Noir* e o producto das suas canções, Mac-Nab arranhou-se durante algum tempo de maneira a não morrer de fome. Mas a tyfica roia-lhe as pulmões lentamente, e fazia-lhe pagar cada nova canção com uma golpada de sangue. A *influenza* veio por fim e fez o resto.

Pobre Mac-Nab! Nunca mais o veremos, grave e frio, pôstar-se ao lado do piano na grande sala illustrada por Willette, e cantarolar sem gestos, com a sua debil voz de tuberculoso:

Bragance! On l'connait c't'oiseau-là!  
Faut-il qu'on orgueille soyé profonde  
De s'être L...u (?) un nom comme ça.  
Peut donc pas s'app'ler comm' tout l'monde!

.. Já me fallece o espaço para lhes contar o novo triumpho de Sarah Bernhardt. Eis uma que resiste á influencia! Diabolica mulher.

A *Jeanne d'Arc* do sr. Barbier tem o merito de seguir passo a passo a chronica do tempo. E' uma especie de auto ou de *mysterio* ingenuamente escripto, mas por isso mesmo impregnado d'uma poesia penetrante e capitosa. Sob as feições e o jogo de scena de Sarah, a Virgem de Orléans, a *Santa de França*, revive tal como a imaginação a concebe ao lér as paginas divinas de Michelet ou ao contemplar a adoravel tela de Bastien Lepage. Estatica, allucinada pelas visões que a perseguem, pelas vozes que lhe falam, na sua aldeia de Domrémy; febril, vibrante de ardor guerreiro e de fé christã, no castello de Chinon ou na cathedra de Reims; subtil, engenhosa, finamente casuistica na sua famosa discussão com os juizes de Rouen — nem uma só das feições caracteristicas d'esta grande e adoravel figura deixou de ser comprehendida por Sarah, d'um modo superior a todo o elogio. E' uma evocação completa, a que serve de moldura a mais deslumbrante *mise-en-scene* que já mais desenrolou n'um theatro de Paris os seus variados e artisticos esplendores.

GISS.



## A MESTRA REGIA

(Conclusão)

— Não, isso não. Oh! rapazes! lembrem-se que sempre é o nosso parochio; bater-lhe é cabir em peccado mortal, é como se batessemos em Jesus-Christo!

Ao mesmo tempo alguns homens menos violentos acerbavam do parochio, e conseguiam libertal-o, protegel-o até á residência.

O tumulto finalmente foi serenando: mas a alma da população continuava de vibrar inquieta e irritada.

O padre Theodosio era incansavel em alimentar a chamma da indignação popular; multiplicava-se em milagres de actividade tribunicia, declamando as diatribes dos jornaes recém-chegados, fulminantes de patriotico e honesto horror pelos escandalos do poder, que abusava da paciencia

(\*) *Fichu*, ás sextas-feiras.



do povo, e ao vel-o percorrendo a freguesia a passadas urgentes, com ares estontoados, esvoaçantes ao vento as compridas abas do seu casaco eclesiástico, dir-se-ia que na sua passagem ia levantando rajadas de revolta.

No dia seguinte propalou-se que as freguezias limítrofes se congregavam para invadir a sede do concelho e assaltar as repartições publicas, indicando-se hora e local para se reunirem as forças aliadas.

De tarde os amotinados afluíram á tasca do Pisco; a breve trecho a espelunca regorgitava de gente ardendo em ímpetos sediciosos e os que não cabiam dentro enroscavam-se á porta. Os grandes copos passavam de mão em mão entre vozeamentos avinhados; por vezes o susurro era dominado pelas arengas trovejantes do Pisco para logo suffocadas n'uma explosão de uros, e depois alogallaguetto ebrio e desvaído abalava n'um ímpeto de torrente que rompe os diques, aos gritos. Abaixo os ímpetos! Abaixo a corja!

Quando assomaram ao largo da Igreja por sobre o brouhaha vibrou um toque de corneta. A multidão estacou com um só homem, gelada de silencio e de espanto, e logo uma voz desperitou a turba assombrada:

— E' a tropa! é a tropa!

Foi o padre, foi o Judas do padre que a chamou!

Então pela multidão passou um calafrio de terror, e todo aquelle possível se agitou n'um movimento desordenado de fluxo e refluxo, pondo em debandada os mais tímidos, que deixaram um rasto de tamancos, de chapéus, de varapaus, de agulhões.

Entretanto a columna, com um ruído surdo de passos cadenciados, entrava no largo, e á voz de commando alinhava uniformemente com um estrondo unisono de coronhas bateado o solo.

O tenente, avançando alguns passos, intimou a ordem de dispersar.

O Antonio, brandindo a clavicina, vociferava: — Oh! rapazes! D'aqui ninguém arreda pé; não haja medo que elles são poucos.

Acto continuo ergiu-se uma grita furibunda: — Fora a tropa! Fora a tropa!

Um turbilhão frenético de agulhadas, defouces reluzentes, de varapaus, de espingardas, ergueu-se por sobre aquella massa negrejante; mulheres esguedelhadas e esqualidas, com ares de sybilla em furia, accionam esganichando-se em alaridos, ao mesmo tempo que apazavam pedras nas saias arrependidas. Os fugitivos envergoados, exhortados pelo muthonia, retrocediam encorporando-se na chusma ululante, que se excitava entumescida de valor, como uma horda de selvagens, com berros e bravatas, em quanto queda da torre da Igreja avolava-se um toque furioso a rebate, que sobresaltava ao berreiro com a sua tonada vibrante e aguda, e á este chamamejto frenético, guerreiro e sinistro, como um brado lancinante de alarma em catastrophe tremenda, acudia em alvorço allucinada toda a população.

Os moradores mais distantes, fazendo uma arma do primeiro instrumento a laço de mão, arremessavam-se com desvaimento batalhador ao local do conflicto, e as crianças, na embriaguez d'este entusiasmo bellico, sentiam-se fortes também para o combate vociferando e apanhando pedras.

A turba crescia como uma inundação, enroscada, redemoinhante n'um negreume compacto, a cuja superficie se agitava uma mescla de varapaus, de agulhadas, de fusios, de espingardas, de enxada e de flocos; o sol accendia faíscas n'este embate exótico de armas semi-barbaras; e por vezes era ensurdecida a grita feita de todos os vozeamentos indescritíveis que acaula o rugido formidoso da voz popular.

O tenente extenuava-se em exhortações apotrophas apasiguantes; com gestos vehementes reclamava silencio, e nos intervallos, em que amontecia o alarido atroante, exhortava a multidão a dispersar, invocando á lei, a ordem, o respeito á auctoridade, e protestando que não estava ali para attender a população.

E concluía alteando a voz:

— Só quero levar o parochio, deixem-me levar o parochio, e a força retira.

Mas ao enunciado d'esta exigencia a indignação recrescia e destacavam-se estas vozes a um tempo:

— O padre é nosso, o Judas do padre fica por nossa conta.

— Já não largamos o padre; havemos de fazer justiça por nossas mãos, havemos de lhe tirar a pelle.

— O padre é o culpado, morra o padre!

E a multidão utulava:

— Morra o padre!

Ao mesmo tempo os tumultuosos, levando á conta de medo a firmeza prudente e conciliadora do official, cobravam alento para crescer sobre a tropa; os mais exaltados ameaçavam disparar as espingardas e um mais temerário chegou a ter o tenente na pontaria da clavicina á queimadura.

Elle, porém, com rapidez e serenidade desviou a arma com o sabre, tentando ainda um esforço supremo para acalmar a tormenta; mas um embate no hombro, seguido de um gemido, attrahiu-lhe a attenção e viu cahir-se ao lado o sargento que, após alguns movimentos convulsivos, se immobilisara cadavericamente.

Então, acto continuo, á voz de fogo seguiu-se a detonação de uma descarga.

N'um impulso irreprimivel de pânico a multidão debandou, e na clavicina aberta pela dispersão estrebuchavam no pó quatro populares. Outros ensanguentados iam retirando amparados pelos sediciosos mais proximos entre alaridos e prantos das mulheres.

Os soldados exasperados pela morte do sargento, horripilados pelo aspecto consternador do cadaver com um olho vasado, disparavam sempre n'um frenesi de vingança, em quanto que a multidão dispersada se refugiava nos magotes nas esquinas das casas, ataz das arvores, em todos os sitios onde estivessem ao abrigo das balas.

Passado o primeiro movimento impulsivo de terror, o Antonio bradou:

— Oh! rapazes, não haja medo. Vamos ganhando tempo, em se lhes acabando as balas e vindo a noite, cahimos-lhe em cima.

Outra vez alvitrou:

— O tio que virou o sargento era para o official, deitemo-lo abaixo e elles são nossos. Para elle todas as pontarias.

O tiroteio continuava sem treguas; silvos de balas cruzavam-se; as espingardas caçadeiras disparavam-se espaçadamente sem alucarem o alvo. Mas na columna militar a fusilaria era mais renhida; a certos intervallos explosiam novellas de fumo radiados de chispas dardelantes; a fumarada adelgaçava-se em musselinhas azuladas, que se prendiam e esgarçavam nos galhos das arvores; as balas mosqueavam as paredes fazendo rícochets; as pontarias mais altas vergastavam as arvores por entre um chuveio de folhas, em quanto que os tiros baixos chiooteavam o solo que cuspiu jactos de terra.

Entretanto o sol declinava e os raios obliquos accendiam nos vidros da Igreja e atrevaz das arvores faíscas de ouro.

O tenente, reduzido á defensiva e prevendo que a situação era insustentavel durante a noite, pensava em retirar com firmeza.

Faltava-lhe um troço de cavallaria para se abalancar á offensiva sem desaire: n'um ataque decisivo; na imprevisão de tão pertinaz resistencia confiava-se na submissão dos tumultuosos sem exaggeração de apparato bellico.

Ao começar a retirada da pequena columna, os pimpões e outros que não o eram, animados pelo exemplo, encorajados pelos effluvios de embriaguez bellicosa que andava no ar de envolta com o cheiro da pólvora, avançaram em perseguição da tropa.

A soldadesca, porém, retirava com disciplina

e firmeza correctas; as balas roçavam os perseguidores, que avançavam de novo e apupavam a tropa, medindo prudente distancia, e quando o destacamento já ia longe, aclamavam surriadas e chufas a posse triunfante do campo de batalha. Depois, na avidez de prolongar a sangocira em cujas emanagões se embriagavam, o povo refluía ao largo na contemplação colérica e consternada dos cadáveres, ao mesmo tempo que as mulheres, ajoelhadas junto dos mortos, se pranteavam em alaridos, salpicando-se nas poças de sangue, arrapalhando os cabellos, e rojando-se assevajadamente no pó com gestos epilepticos.

Então o furor do povo recrutaseo terrível, sedento de vinganças formidaveis, em que cessasse a raiva lugubre que se nutria d'estas lagrimas e d'este sangue.

Todas estas angustias e coleras negras confluiam unanimes para um pensamento fixo, o padre, e a um tempo toda esta turva, como tocada da mesma corrente electrica, prorompeu n'uma explosão de insultos e maldições, estrugindo este brado de colera suprema e implacavel: — Morra o padre! Morra o padre!

Acto continuo a multidão, impellida n'esta rasada de furia sanguinaria, cresceu sobre a residencia do parochio.

Ao mesmo tempo na vivenda parochial penetrava um calafrio de pavor, trazido pela criada do parochio n'um alarma de afflicção desvaída.

Ella entrou esbaforida, enfiada, clamando:

— Elles ali veem! elles ali veem! A Virgem Maria nos acuda!...

O Padre João, que media com sobresalto aterrorizado o aposento a passadas freneticas, que-dou-se livido, fulminado de terror; com o olhar esgazeado tremia inerte, impotente para uma resolução, murmurando apenas imbecilmente:

— Sou a minha hora! sou a minha hora! Deos se compadeça da minha alma! Mas como foi isto?... Como veio isto assim como um raio?...!

Ao mesmo tempo a Deolinda, depois de fechar sobre si a porta com chave e fechos, galgou a escada de rodilhão, e ao entrar na sala, sob a impulsão de uma energia suprema, insuperavel n'aquelle ser delicado de olhar tímido e manso, pôde articular através da respiração anciada: — Fuga, fuga, já... já pela porta do quintal; mas primeiro troquem o fato. Ainda ha tempo, se o virem a fugir, escuro como está, cuidarão que sou eu.

E, dirigida sempre freneticamente pela sua valorosa resolução, empurrou para dentro do quarto da cama o padre, que se submettia automaticamente com soffrego e cobarde egoismo, ficando ella de fora, em quanto que a criada servia de intermediaria na troca do vestuario.

A este tempo os alaridos da população trovejavam á porta, e a casa estremecia no embate enfiado do avalanche popular, em que sobrelevavam os rugidos de Antonio que ululava:

— Se não abrem, com mil raios!... vai a porta dentro! Logo depois um popular, correndo do lado opposto, aproximou-se de Antonio e segredou-lhe:

— Já estava ella mettida com o padre! Vá-a agora escarpulir-se pela porta do quintal.

Então o padre abalou-se n'um extremo violento, como sacudido de um tremor de terra; a porta gemeu sob athletica arremetida; os fechos estalarão cedeendo á força empunhada que o Antonio lhe applicava n'um paroxysmo de furia bruta.

A turba irrompeo escada acima, como se uma subita e formidavel labareda invadisse a casa. O Antonio já na frente, obcecado de raiva e apenas entrado na sala, vendo n'um relance d'olhos a um canto um corpo enroscado de negro, enroscado em attitude de supplica e oração, genuflectido e de mãos postas, metto a alma á cara.

Acriada, levantando os braços n'um gesto de honra e afflicção, gritou:

— Oh! sr. Antonio que mata a Deolinda!





LISBOA. — Chegada do cortejo real ao palácio de São Bento.



RECORDAÇÕES DA EXPOSIÇÃO DE PARIS. — A GALERIA DOS PINTORES.





À esquerda. — O Gauguin. — O Hereto do casto d'opergue. — M<sup>re</sup> Carnot distribuindo os presentes. — A senão.

PARIS. — O NATAL DAS CRIANÇAS POBRES NO PALACIO DO PRESIDENTE DA REPUBLICA.

Mas já ella, com um gemido lancinante, ro-lava no pavimento.

O Antonio, largando a espingarda, correu para o corpo prostrado, estacando petrificado diante do cadaver, e o seo olhar de alienado fixava-se na linda morta, que parecia flui-o com angelica doçura, em que se lhe affigurou entre-ver n'um lampião o olhar azul e celestial da Virgem do Altar-mor na igreja parochial.

JULIO LOURENÇO PINTO.

## TSARINE

PÓ DE ARROZ RUSSO  
Achante, Desvende, Analise!  
PREPARAÇÃO POR VEDOTY  
DE, Seul, des Palais, PARIS

### A REVISTA DAS REVISTAS

#### A aclamação de El-Rei

N O PASSADO numero publicamos algumas curiosidades historicas acerca da cerimonia da aclamação dos nossos reis, devidas á pena do ar. Cardoso de Bethencourt, que no mesmo tempo celebrou uma traducção do nosso collega portuguez o *Figaro*.

Hoje parece-nos interessante reunir as opiniões mais frescas de alguns firmes monarchicos portuguezes, extrahidas dos artigos de fundo que esses firmes publicaram no dia 28 de dezembro, dia da aclamação de El-Rei o sr. D. Carlos I.

Nesses artigos antevem-se certas apprehensões acerca do futuro da monarchia portugueza, — apprehensões que é útil archivar porque tem uma alta significação politica, n'este momento em que a revolução brasileira parece querer influir nos destinos de Portugal, e em que a attitudina da Inglaterra em Africa nos impõe deveres que nos podem talvez impeller á séria committimento.

Pasamos primeiro em revista o artigo do *Tempo*, de que é director o sr. Carlos Lobo d'Avila, — artigo que nos parece sahido da penina do sr. Oliveira Martins:

No amor do povo é que se enraiza o poder dos principes, e na consciencia geral dos seus beneficiarios está a melhor base da duração das monarchias. Chegamos a uma época friamente sceptica e praticamente utilitaria, em que para tudo é necessario applicar a balança ou o metro, sem consideração por idéas poeticas desfolhadas ha muito sobre os campos enregelados da historia contemporanea.

Ha dois mezes subiu ao throno o rei que hoje aclamamos; e ha dois mezes que n'este proprio logar dizíamos quanto lhe seria pesada a coroa, e asperos os degraus d'esse throno coberto de crepes. Hoje vestem-se de vermelho triumphal, mas a verdade, que é branca e transparente como o gelo, nem contrasta com o luto, nem com as galas, e tão bem são nos dias de dô como nos de festa, tanto se compadece com as lagrimas como com os vivas.

Ha dois mezes, e n'este periodo, força é confessar-o, novas complicações, acontecimentos imprevistos, vieram augmentar ainda a quantidade de duvidas e preoccupações. Chelos de jubilo pela festa de hoje, como a propria natureza que tambem sorri para nós no azul de um ceu immaculado, onde impera o sol esplendido, sentimo-nos por ventura atacados da molestia que anda no ar. Tememos a influencia, porque, para além das alegrias ephemeras, receamos algum accesso de gripe.

A febre *dengue*, que anda no ar, é a anarchia universal nas idéas, é a falta quasi completa de auctoridade nos homens, é a desorganisação dos partidos, é o abasamento dos caracteres, é a brandura dos nossos costumes, e, sobre este quadro de symptommas moraes, é principalmente a fraqueza da nossa economia e o estado das nossas finanças.

Longe de nós o proposito de carregar ás tintas do quadro, mormente quando tudo são jubilos e festa; mas se algum, mettendo a mão na consciencia, tiver coragem para affirmar que a situação é cor-de-rosa, faça-o: nós não.

Por um lado é a situação embaraçosa a que as cousas vão chegando em Hespanha, pondo o reino vizinho nos riscos de uma crise, cuja refracção sobre nós pode ser funesta. Por outro lado é o conflicto com a Inglaterra, trazendo ao estado agudo a velha rivalidade acerca do dominio sobre o contingente africano, e collocando-nos na contin-

gencia de um perigo immediato, sob a influencia de uma questão chronica. Por outro lado, finalmente, é a revolução brasileira que, precipitando o imperio na anarchia, arrisca a sorte e a fortuna da nossa riqueza actual e o futuro do nome portuguez no mundo novo.

Mas se é dever nosso manter de pé o throno levantado hoje, é dever tambem do rei cumprir para conosco as obrigações do principado. O periodo funesto ás monarchias foi aquelle em que o reinar se considerou a mais regalada forma de viver. Envaldecidos pela tradição, reis houve que tomaram o cargo como uma concessão; quando de facto é, ou tem de ser, o mais grave, o mais penoso, o mais duro de todos os officios preparados ao homem. Por isso mesmo é o mais cheio de honra, porque n'esses symbolos magestáticos não pôz a idea outra coisa senão os emblemas visivelmente expressivos da honra que vem a um homem do facto de consubstanciar em si as ambições e as vontades, as alegrias e os soffrimentos de um povo inteiro.

Nem os reis sybaritas, nem os reis mannequins, segundo a formula hypocrita de alguns doutrinarios do nosso tempo, nenhum d'esses typos de soberano é adequado ás necessidades dos nossos dias, em que o principado, para se manter, nem ha-de ser uma sinecura, nem uma superfluidade.

O querer do povo, que sagra e aclama os reis, é que elles reinem, na exacta accepção da palavra; e não se deve confundir esta palavra com as indisciplinas da tyrannia, porque nunca, nem nos tempos do absolutismo mais definido, os principes deixaram de obedecer ás manifestações da opinião, ou de uma certa opinião, pelo menos.

Ou nos enganamos completamente, ou é isto o que está na consciencia da grande maioria dos portuguezes, enfastiados com as desillusões successivas, afflicto com as perspectivas duvidosas do futuro, esperando na acção prudente e energica do moço rei que hoje é aclamado.

Dê-lhe Deus fortuna e gloria!

Escrevem as *Novidades*, de que é director politico o illustre jornalista e ex-ministro da coroa, sr. Conselheiro Emyglio Navarro:

N'este dia, não faltam os cumprimentos, que são ditados pelas formulas officiaes, nem as reverencias, que são da cortezania palaciana. Alheios a uns e pouco attreitos ás outras, temenos só por timbre a lealdade, que algumas vezes poderá ser rude franqueza, mas que será sempre lealdade. Seremos nos dias de crise, que nos fustigue, os mesmos que hoje somos nos dias de festa, que nos despreocupa e alegra.

O novo reinado ergue-se sobre um horizonte, opprimido por densa caligem. Que o rei seja uma força efectiva para dissipar essas ameaças, é o nosso mais ardente desejo, porque julgamos ser essa uma necessidade da situação. A rainha sabemos já que é a Bondade. A suavidade do rosto traduz-lhe as virtudes do coração e as finas delicadezas do espirito. Tambem isso é uma força. Fazemos votos para que estes raios de luz triumphem sobre os negrumes que ensombram os começos do novo reinado, e que d'elle se façam aureola duradoura e resplandecente.

Le-se no *Dia*, o jornal do que é director politico o sr. Antonio Ennes:

A solemniidade que hoje se realizou em Lisboa, apesar de adereçada com liturgias que tresandam a idade media e etiquetas que recordam o seculo de Luis XIV, tem uma significação tão moderna que mais é homenagem da realza á soberania nacional de que ostentação do poder régio. O sr. D. Carlos de Bragança foi aclamado rei de Portugal; mas não o foi sem primeiro jurar lealdade á constituição, prometendo guardar e fazer guardar as franquias politicas e as liberdades individuais, que a nação estipulou n'este pacto da tradição com o direito. Não só incluiu, é certo, no formulario do juramento o activo *se não*, mas as côrtes aragonezas, mas ficou subentendido. A condição essencial da legitimidade da realza é a sua fidelidade ás leis fundamentais do Estado. Antes da nação aclamar o rei, o rei prestou vassallagem á lei. O rei ha de reinar, a lei governará. Quando o rei infringir a lei, renunciará a propria auctoridade que da lei dimana. Se,

pois, as velhas pragmaticas se accommodassem ao novo direito publico, os arautos deveriam hoje ter clamado ao povo, da varanda das côrtes: — O rei jurou a constituição; enquanto cumprir o juramento, viva o rei!

Viva o rei! De hom grado repetimos esse grito, porque o rei é, para nós, uma personificação das instituições politicas que nos asseguram liberdade e ordem, e não sentimos necessidade de mudar de instituições, nem coragem para affrontar os perigos da aventureira mudança. A nação portugueza tem muito que se queixar de si, e muito pouco de que arguir a monarchia, a não ser que a argua de não poder forçar os cidadãos a cumprirem os seus deveres e a usarem bem dos seus direitos. A velha monarchia foi gloriosa; a monarchia nova, desde que se firmou, tem sido o que a revolução liberal quiz que ella fosse, desde que reservou para a democracia a prerrogativa de dictar leis e fazer os costumes. A coroa nunca empenhou conflicto com os outros poderes do Estado nem com a vontade popular, nunca resistiu obstinadamente a um progresso, a uma reforma, ou sequer a um erro desejado com acerto. Aceitou de boa mente a passividade recommendada pelos publicistas, apenas saindo d'ella a espaços para conciliar e pacificar a politica. Circumscrevendo assim a sua esphera d'acção, só a critica malevolta pode imputar-lhe a responsabilidade das decadencias e desorganizações sociais, que tão confessadas andam com tão pouco proposito de emenda; ao passo que os pensadores descobrem n'ella a unica força que ainda pode, sendo preciso, obstar a que se embraveçam as anarchias mansas, que não vão dissolvendo. O que fala em Portugal ao regimen monarchico constitucional, para produzir os seus beneficios theoreticos, é precisamente o que nos deve dissuadir de experimentar outros regimens. Faltam homens, partidos, opiniões, espirito de solidariedade, noções de auctoridade e habitos de disciplina; faltam, positivamente, todas as condições e todos os elementos d'uma boa democracia. Quando nos queixamos ás vezes do que faz e do que deixa de fazer a monarchia, é porque nós pensamos no que faria uma republica, — uma republica a presidir á esta nossa sociedade de ambições e cubicas desenfreadas, que só sabe que ha lei para a desrespeitar!

O nosso prezado collega *Diario de Noticias*, a quem as jornadas partidarias deram o alcunha de *incolor*, por evitar sempre o envolver-se em questões e paixões politicas, tambem nos offerece as seguintes considerações, acerca do « pesado encargo de reinar »:

Nada, na apparencia, mais facil do que ser monarcha constitucional; nada mais difficil todavia do que saber comprehender e desempenhar este papel. No regimen do direito divino, a vontade do soberano impunha-se; a sua acção tornava-se dominadora; o seu caracter accentuava-se; as suas virtudes ou os seus defeitos pessoais faziam a felicidade ou o infortunio do seu povo; tudo cooperava para que a individualidade do rei podesse sobressahir em toda a sua energia. No regimen parlamentar todas estas circumstancias perderam a sua razão de ser, e a realza converteu-se n'um ideal difficil de comprehender e definir. O constitucionalismo excedeu as subtilidades da antiga dialectica quando formulou que o rei reina mas não governa. É certo que os ministros respondem pelos actos do rei e assumem todas as responsabilidades politicas, mas as massas é que não sabem comprehender estas distincções subtilezas, e é sempre a cabeça coroadada que pede pelo menos a responsabilidade moral.

Não diremos, pois, ao senhor D. Carlos que esculha este ou aquelle monarcha, vivo ou morto, para modelo e norte de suas acções. Seja a sua consciencia a sua principal inspiradora, e procure contentar-se toda a vez que lhe seja possivel, não com a satisfação de um capricho, mas com o cumprimento do dever. Procure rodear-se de conselheiros que lhe transmitam com sinceridade o que se passa na alma do povo, e arrede da sua companhia os que só desejam conchabonar a ambição com a lisonja. Nada mais perigoso que a cortezania que se acotovelava no volta do throno nos dias sorridentes, e que é a primeira a levantar o véo assim que vê desportar no horizonte o prenuncio da tempestade.

Que o destino propicie o novo reinado, e que o senhor D. Carlos trilhe o caminho dos reis felizes, para que possa fazer a felicidade do seu povo!







Le Gérant: P. MULLOT. ☐ pakis PARIS. — IMPRIMERIE DE P. MULLOT. 13<sup>^</sup> qui voitraîn